



PRÁTICA PEDAGÓGICA: PROFESSOR E ALUNO EM CENA (EM SALA)

Autor: Prof. Esp. Renato Ferreira dos Santos; Orientador: Prof. Dr. Rogério Ferreira dos Santos

Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás – GO, rogsanto@usp.br

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados e discussão sobre práticas pedagógicas através da investigação por questionários e entrevistas com professores e alunos de um curso de formação, levado à questão problema “*o que é ser um bom professor?*”. Buscou-se primeiramente apresentar o resultado da investigação bibliográfica e de fundamentação teórica para efetuar discussões que fossem capazes de serem traduzidas em diretrizes de aperfeiçoamento dessa questão, destacando temas como relacionamento professor-aluno, aspectos sócios emocionais, disciplina no contexto em sala de aula e o perfil do professor. Apresentada como sendo uma pesquisa ao mesmo tempo do tipo metodológico, político e prático; pela forma de coleta de dados, pela capacidade de produzir mudanças e pelas respostas às carências existentes no ensino de formação de professores. E, depois, apresentar os resultados demandados nos questionários aplicados a 70 alunos distribuídos em três turmas de um curso de formação de professores que deveriam atuar no ensino fundamental na cidade de Valparaíso de Goiás, Brasil, ocorrido no ano letivo de 2015, os quais, prestando-se como objeto de estudo da pesquisa, contribuíram para se estabelecer aqui os dados quantitativos: quando 70% dos professores afirmaram está centrado na tendência liberal, mas a prática é a tradicional; 20% afirmaram está centrado na tendência liberal, sendo confirmada sua prática pedagógica; e 10% afirmaram que a prática pedagógica confirma uma vivência da tendência plenamente tradicional. Quanto aos alunos, destes, 60% afirmaram que os professores continuam com uma pedagogia tradicional; 25% afirmaram que os professores resistem às mudanças da prática pedagógica; e 15% afirmaram que houve mudança na prática pedagógica. Ademais, as entrevistas foram importantes para a coleta de informações qualitativas que subsidiaram as conclusões e afirmações apresentadas pelos pesquisadores, e que, por reflexões, sua contribuição ao debate deste tema. Assim, como respostas à questão problema da pesquisa, o que se percebeu foi que a questão da consciência no processo de educação parece está ausente nos que são responsáveis pela prática do *fazer educação*. A realidade mostrou que a visão de autoridade docente, em que o professor recebe obediência por ato de imposição, sucumbe o aluno, e castra nele qualquer possibilidade de criar os próprios caminhos na aprendizagem. Daí a necessidade dos alunos participarem do processo de planejamento da aprendizagem, caso contrário, esta lhe será praticamente nula.

Palavras-chave: Educação, Professores, Práticas, Pedagógicas.

1. Introdução

Quando se fala do perfil do professor, principalmente de Língua Portuguesa, percebe-se que o dever de partir da indagação sobre o que determina o desempenho do professor na prática



pedagógica e como se realiza o ato pedagógico escolar. Para ela afluem as contradições do contexto escolar, os conflitos psicológicos, as questões da ciência e as concepções de valor daqueles que compõe o ato pedagógico: o professor e o aluno.

Para muitos alunos, a acomodação prevalece, enquanto para outros a cobrança é fator dominante.

As escolas continuam desorganizadas, com ambiente descontínuo e caótico que só desfavorece as condições para o ensino e aprendizagem. Em matéria de mau desempenho, avaliado pelas taxas de repetências e evasão, ainda se deixa muito a desejar.

Ainda não se dá conta da tarefa de garantir aos alunos, cada um com seu ritmo e suas características, o acesso ao conhecimento e às habilidades indispensáveis para o trabalho e a cidadania. Pior que tirar a chance de crescimento dos alunos é o paternalismo de alguns professores, que se preocupam em assinar o ponto e manter a imagem de professor bonzinho frente aos alunos.

É necessário recuperar o prazer de aprender e que a escola, necessariamente, não precisa ser chata e ritualista. Deve-se valorizar o pensamento crítico, no sentido que o aluno raciocine sobre o conhecimento.

O que se percebe é que alguns alunos, talvez a maioria, esperam receitas prontas. Têm preferência por professores com muitas habilidades, todavia, o interessante seria desenvolver habilidades nos próprios alunos; gostam de professores que esquematizam tudo, mas os alunos não sabem esquematizar. Sendo assim, alguns ditos bons professores, repetem uma pedagogia passiva, muito pouco crítica e criativa.

Precisa-se de bons professores que tenham compromisso, com uma prática transformadora que oportunize o crescimento e o desenvolvimento em todos os sentidos, buscando novas metodologias, novos conhecimentos, investigando e, o principal, despertando no aluno essa vontade de descobrir o inusitado.

Por essas reflexões, investiu-se nesse questionamento – *O que é ser um bom professor?* – o que nada se apresenta como algo inovador, muito menos esgotado de investigação e pesquisa, mas o intento de dá continuidade na busca de respostas. Com o objetivo de identificar as concepções das práticas pedagógicas e a relação professor-aluno, tanto no foco dos professores quanto dos alunos.



Ademais, nas diferentes bibliografias analisadas, bem como na escola em que se fez o trabalho de observação, e ainda nos cursos em que se participou, a interrogativa do bom professor foi sempre retomada. As respostas manifestam-se aos turbilhões, aquelas utópicas, outras fracassadas, e ainda as reproduzidas. Não se obteve êxito neste questionamento por comodidade, por medo da resposta não agradar, ou por uma ideologia dominante que não permite expressar o verdadeiro valor.

2. Metodologia

Ao se propor o estudo da *prática pedagógica: professor e aluno em cena (em sala)*, por meio da observação em sala de aula, entrevista com professores e alunos, aplicação de questionário para alunos (melhor disposto adiante no item 3.6.3 – objeto de estudo da pesquisa), e propõe-se, em concomitância, à questão do trabalho como futuro profissional que se há de ser, em atenção à postura teórica sobre o tema e atentar para o que possibilite rever à necessidade de transformação para uma prática pedagógica, onde a educação seja uma verdade.

Estudar essa prática por meio de um curso de formação de professores, em certa escola, pode viabilizar sua constituição em uma limitação de pesquisa, porém, cuidou-se em fazer uma articulação com a busca de uma compreensão mais global do campo da relação professor-aluno, porém, para superar esta limitação, dever-se-ia buscar como resultado de estudos, investir em uma pesquisa bibliográfica e de fundamentação teórica, para efetuar discussões que fosse capaz de ser traduzida em diretrizes de aperfeiçoamento dessa questão, sendo esta o espírito que orientou as decisões tomadas para que se encaminhasse este trabalho.

Fazer um trabalho com um grupo de alunos de um curso é o mesmo que dizer da utilização de um recurso, ao mesmo tempo metodológico, político e prático. Metodológico por causa da forma alternativa de coleta de dados; político porque apresenta ação capaz de produzir compromisso e mudança; é um recurso prático pelo que pode responder a urgências que são geradas pelas carências do ensino na formação de professores no devido curso a que corresponde.

Como pesquisa qualitativa, este trabalho teve proposição à observação sistemática de uma ação com educadores, na inclusão das fontes de dados, dos enfoques escolhidos, das pessoas envolvidas e outros aspectos necessários à pesquisa.

3. Resultados e Discussão



3.1. O relacionamento professor aluno face às diferentes pedagogias

Será utilizado o termo tendência pedagógica para se referir à disposição natural e instintiva do professor, em adotar um ou mais modelos educacionais que influenciam e determinam a sua prática pedagógica.

Essa disposição, nem sempre se manifesta de forma consciente e reflexiva, ou seja, normalmente o professor parece não ter ideia clara dos princípios básicos dos fundamentos filosóficos e educacionais de sua prática, e tem-se a impressão de que eles não os analisam para definir como será o seu fazer pedagógico.

Consciente ou não das raízes dos modelos educacionais, é na rotina diária que o professor explicita entre outros, o que pensa sobre o aluno, o conhecimento, a escola, as relações professor-aluno, a aprendizagem, o ensino, os procedimentos pedagógicos e a avaliação. Ao lidar com estes elementos, o professor nem sempre percebe o cunho intencional que vem influenciando estas concepções, a sua prática pedagógica, suas atitudes, seu relacionamento interpessoal e o que o levou a adotá-los. Esse pensamento é confirmado por Libâneo (1994) no que diz, “Fica claro que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação, tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos explícita ou implicitamente”.

Por tanto, educar é um processo de afetividade. Na relação professor-aluno e a partilha de saberes, no plano de ação pedagógica, cabe lembrar que todos trazem suas parcelas de saberes para a sala de aula, saberes estes gestados em diferentes locais e espaços. Nesse sentido, a escola é um polo de convergência de saberes e também uma instância de certificação dos saberes sistematizado.

De acordo com a aplicação diferenciada destes fundamentos teóricos, pelos estudiosos e pelos professores em suas práticas, é no processo ensino-aprendizagem que vão sendo estabelecidas e efetivadas as tendências ou modelos pedagógico-educativos.

Um curso de formação de professores, ou de educação permanente, deveria possibilitar o confronto entre as diversas abordagens do processo ensino-aprendizagem, repensando-as em seus pontos de intersecção. Ao mesmo tempo oportunizar ao professor uma análise de seu fazer pedagógico, a fim de que ele se conscientizasse de sua ação e pudesse, não só interpretá-la, mas também buscar superá-la constantemente.



3.2. O relacionamento entre professor e aluno

A sala de aula permanece praticamente, desde o seu início, com a mesma caracterização no tempo e no espaço. Pode ser encontrado ainda, um professor que está posto à frente de vários alunos, sendo responsável para ensinar certo conteúdo, vigiado pelo fator tempo.

A prática pedagógica exige, nesse modo, condições para um estudo que permite identificar regras de funcionamento de uma maneira a generalizar os resultados para diversos contextos de sala de aula. Resultando em uma gestão de classe que ofereça domínio de comportamentos que constitua um bom instrumento reflexivo para o professor, seja ele iniciante ou já com experiência na prática pedagógica.

Doyle (*Apud* 1986), ao se referir sobre a gestão de classe, assinala que esta consiste em um conjunto de regras e de disposições necessária para criar e manter um ambiente ordenado favorável tanto ao ensino quanto à aprendizagem. Sendo que o grau de ordem será variado em função dos desvios verificados face ao programa de ação implantado na sala de aula.

Assim, dir-se-á que ele é frágil se os desvios são grandes e que é forte se os desvios são reduzidos. A ordem é necessária, mas nem por isso constitui uma garantia absoluta para a aprendizagem e para o bom êxito escolar.

Doyle (1986) chama de não-empenho passivo e que não traz nenhum problema à manutenção da ordem, mas é preciso se interrogar a respeito de suas repercussões sobre a aprendizagem dos alunos.

Convém igualmente considerar que a gestão da classe depende do contexto. É verdade que seus princípios podem ser aplicados de maneira geral, mas a definição da ordem muda segundo as atividades propostas, o tempo disponível, a organização do material e social, assim como em função do padrão de comunicação privilegiado. Brophy (1983) evoca igualmente a necessidade, para os professores, de considerar outras variáveis, tais como o desenvolvimento intelectual e social dos alunos e as influências culturais e socioeconômicas.

A gestão de classe surge como a variável individual que mais determina a aprendizagem dos alunos. A prática pedagógica, no que tange à gestão de classe, remete a todos os enunciados que dizem respeito à introdução e à manutenção de uma ordem geral na sala de aula a fim de favorecer a aprendizagem.



Para Libâneo (1994), o relacionamento entre o professor e o aluno, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizadas para a prática docente.

A interação professor-aluno é um aspecto fundamental na organização da *situação didática*, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, sendo esta, uma razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe etc.)

3.3. Aspectos sócios emocionais da relação professor-aluno

Os aspectos sócios emocionais se referem aos vínculos afetivos entre professor e alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula (disciplina). Não se fala aqui da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação material ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não têm grau de parentesco com o professor. Na sala de aula o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno em especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

Nesse sentido, o professor precisa aprender a combinar severidade e respeito. O processo de ensino consiste ao mesmo tempo da direção da aprendizagem e de orientação da atividade autônoma e independente dos alunos. Cabe ao professor controlar esse processo, estabelecer normas, deixando bem claro o que espera dos alunos.

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la.



Autoridade e autonomia são dois polos do processo pedagógico. A autoridade do professor e autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias, mas, de fato, complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais e pelas exigências da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade.

Do ponto de vista das relações entre autoridade e autonomia a interação professor-aluno não está livre de conflitos ou deformações. Em nome da autoridade, o professor se apresenta com superioridade, faz imposições descabidas, humilha os alunos. Tais formas de autoritarismo – a exacerbação da autoridade – não educativas, pois não contribui para crescimento dos alunos. O professor autoritário não exerce autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente à condição do profissional professor numa atitude personalista.

3.4. A disciplina no contexto da sala de aula

Uma das dificuldades mais enfrentadas pelo professor é o que se costuma chamar de *controle da disciplina*. Dizendo assim, dá a impressão de que existe uma chave milagrosa que o professor manipula para manter a disciplina. Não é assim. A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor. Quanto maior a autoridade do professor (no sentido mencionado), mais os alunos darão valor às suas exigências.

A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos de ensino, no tato em lidar com a classe e com as diferenças individuais, na capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho docente.

A autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter.

A autoridade técnica constitui o conjunto das capacidades, habilidades e hábitos pedagógico-didáticos necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos aos alunos. A autoridade técnica se manifesta na capacidade de empregar com



segurança os princípios didáticos e o método didático da matéria, de modo que os alunos compreendam e assimilem os conteúdos das matérias e sua relação com a atividade humana e social, apliquem os conhecimentos na prática e desenvolvam capacidades e habilidades de pensarem por si próprios. Um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo.

A disciplina da classe depende do conjunto dessas características do professor, que lhe permite organizar o processo de ensino. Entre os requisitos para uma boa organização do ensino destacam-se:

- um bom plano de aula, onde estão determinados os objetivos, os conteúdos, os métodos e procedimentos de condução da aula;
- a estimulação para a aprendizagem que suscite a motivação dos alunos;
- o controle da aprendizagem, incluindo a avaliação do rendimento escolar;
- o conjunto da normas e exigências que vão assegurar o ambiente de trabalho escolar favorável ao ensino e controlar as ações e o comportamento dos alunos.

A respeito de cada um destes requisitos, discorre-se que:

O plano de aula, além de determinar o que farão o professor e os alunos no período escolar, regula a distribuição do tempo, a passagem planejada de uma atividade para outra. Dessa forma, o professor e os alunos como que antecipam sistemático da aula, reduzindo as interferências, as conversas inadequadas e as desobediências.

A estimulação e motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como os métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos. Se estes estiverem envolvidos nas tarefas, diminuirão as oportunidades de distração e de disciplina.

O controle da aprendizagem exige todos esses requisitos e implica também o permanente acompanhamento das ações dos alunos. O trabalho docente deve ter em vista a ajuda aos alunos nas suas tarefas. O controle sem ajuda pode provocar insegurança nos alunos, que às vezes se sentem cobrados a um desempenho para o qual não foram suficientemente preparados. Por outro lado, a ajuda sem controle não estimula os alunos a progredir e vencer as dificuldades. A aprendizagem não é uma atividade que nasce espontaneamente dos alunos; o estudo muitas vezes não é uma tarefa que eles cumpram com prazer. Por mais que o professor consiga a motivação e o empenho dos alunos e



os estimule com elogios e incentivos, frequentemente deverá obrigá-los a fazer o que eles não querem.

Nesse caso, os alunos devem estar cientes de que o não-cumprimento das exigências do professor terá consequências desagradáveis.

Finalmente, além desses requisitos, que, bem encaminhados, contribuem para a manutenção do necessário clima de trabalho, há necessidade de normas explícitas de funcionamento da classe. Tais normas não devem ser tomadas como o único meio de controle da classe, como fazem muitos professores inseguros, mas como síntese de requisitos anteriores.

3.5. Definição do perfil do professor

Um aspecto que pode referir à definição do professor é o de mediador. O professor está necessariamente inserido na mediação entre os conteúdos e o aluno, para fazer que aqueles se apresentem de forma estruturada e, portanto, estruturante de sua mente e seu conhecimento.

Além disso, mediador de significados culturais e vitais que implica o saber.

Como mediador, o professor relaciona conteúdos, elabora projetos, enriquece a bagagens de estratégias, convida o aluno a entrar na cultura como dono de suas próprias capacidades e a conhecer o significado da cultura na configuração dos povos.

Para Nietzsche (1998, p.18) “o professor é mal necessário: – Entre os espíritos produtivos e os que têm sede de receber devem existir tão poucos pelo quanto seja possível”.

E o autor explique esse mal admitindo categoricamente que os intermediários falsificam quase involuntariamente a nutrição que transmitem, como sendo “ademais recompensa da sua mediação, pedem muito para si; interesse e admiração e tempo e dinheiro e outras coisas de que se paga, por conseguinte os espíritos originais e produtores”.

E por fim, Nietzsche (1998, p.18) afirma que é preciso considerar sempre o professor como um mal necessário, tal se faz a respeito do comerciante: um que é preciso tornar tão pequeno quanto possível.

Diversos têm sido os modelos e diversos as teorias com que se justificam as alterações que têm vindo a ser introduzidas nos processos de formação, no horizonte da qual se desenha um



modelo de professor, ou um professor modelo. Por isso não se pode falar de um perfil único, universal, nem será nunca possível aceitá-lo como estável ou definitivo; se a sociedade muda, o próprio perfil tem de evoluir.

3.5.1. Objeto de estudos da pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido em uma escola da prefeitura municipal do Valparaíso do Goiás, no Estado do Goiás, em que consta sua capacidade de atendimento para 1.800 alunos, distribuídos nos cursos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Formação de Professores, tendo sido verificado inicialmente o preenchimento de apenas 86,33% das vagas oferecidas. Quanto ao tempo a pesquisa foi realizada no ano letivo de 2015, e reporta-se ao curso de Formação de Professores, durante o qual se fez a totalidade do presente estudo.

Contando com apenas 70 alunos, divididos em três turmas, o curso de *Formação de Professores* visa capacitar profissionais para atuação nas séries iniciais do ensino fundamental, o que em geral se encontra em vias de extinção nas instituições educacionais do país, dada as normas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Um dado importante de observação quanto aos alunos frequentes do curso, é que a margem de alunos por sexo tramita numa diferença substancial, em que do total de 100% dos alunos, 98% é do sexo feminino e apenas 2% é do sexo masculino.

Para a análise foi importante a colaboração dos professores e dos alunos, onde se registrou sistematicamente o transcorrer das aulas, incorporando as observações no processo, sendo feita uma análise do processo a cada final de aula observada. Para a disciplina, realizou-se uma análise na consideração dos trabalhos e atividades desenvolvidos e o processo, observando os acontecimentos cotidianos gerados pela execução.

Ao final das observações, transcorridas no período de três semanas subsequentes, foram feitos os momentos finais do estudo que se consistiu em:

- a) Entrevista com professores;
- b) Entrevista com alunos;
- c) Questionário aplicado aos alunos.



3.5.2. Análise instrumental Quantitativa e Qualitativa dos Resultados

Dos professores

70% afirmaram está centrado na tendência liberal, mas a prática é a tradicional.

20% afirmaram está centrado na tendência liberal, sendo confirmada sua prática pedagógica.

10% afirmaram que a prática pedagógica confirma uma vivência da tendência plenamente tradicional.

Dos alunos

60% afirmaram que os professores continuam com uma pedagogia tradicional.

25% afirmaram que os professores resistem às mudanças da prática pedagógica.

15% afirmaram que houve mudanças na prática pedagógica.

Figura nº 01 – Análise instrumental dos resultados

Dada análise instrumental, observou-se que os resultados obtidos já eram vistos como vertentes de expectativas, tendo sido confirmado no desenvolver do trabalho de observação aos professores, no que concerne aos fazeres pedagógicos na incumbência da educação.

Alguns relatos significativos foram colhidos de alunos que se dispuseram a falar como sendo um desabafo para eles, do que vivem em sala de aula.

Destes relatos, transcrevem-se os seguintes:

- Afirmou uma aluna que “*uma coisa é dizer que faz, a outra é fazer o que diz*”.
- Enquanto que outra aluna coloca: “*(...) fora do contexto da sala de aula, quando estamos juntos nos corredores, ou no pátio da escola, e até mesmo na rua, num de repente, os professores são agradáveis por demais, e as conversas são amigáveis. Às vezes, as palavras ditas são iguais às de minha mãe. Ao contrário, parece que há um fenômeno com eles, ao pôr os pés na sala de aula*”.
- E talvez se justificando decepcionados concluísse que “*são transformados em sei lá o quê, a relação de ‘eu mando e você obedece’ aparece de imediato*”. Embora amenize que “*uma minoria não age assim*”.

4. Conclusão

Neste trabalho foram apresentadas as concepções sobre as práticas pedagógicas e a relação professor-aluno, no que tange ao perfil e formação do professor.

No marco teórico, discorre-se o aspecto que fundamentou o conteúdo científico da pesquisa e que proporcionou a condução lógico-operacional. Destacando alguns autores e pesquisadores que contribuem com seus constructos e ideias doutrinárias importantes; dentre outras as concepções educacionais de Libâneo (1994) confrontadas com as reflexões de Asmann (1999) e a



fundamentação das assertivas sobre o relacionamento professor-aluno de Doyle (1986) e de Bruphy (1983). Discorrem-se ainda os aspectos sócios emocionais do professor na Sala de Aula. E por fim as definições de Nietzsche (1998) sobre o perfil do professor.

Neste contexto referencial se conseguiu atingir o objetivo da pesquisa, no uso metodológico e centrado no questionamento inicial, sempre focado no objeto observado, o qual foi os professores e alunos de uma escola conforme relatado.

As entrevistas e a aplicações de questionários foi importante para a coleta de informações e dados que subsidiaram as conclusões e afirmações apresentadas pelos pesquisadores, e que, por reflexões, sua contribuição ao debate deste tema.

Assim, o que se percebe com os resultados adquiridos nesta pesquisa é que a questão da consciência no processo de educação parece está ausente nos que são responsáveis pela prática do *fazer educação*. A realidade nos mostra que essa visão de autoridade docente, em que o professor recebe obediência por ato de imposição, sucumbe o aluno, e castra nele qualquer possibilidade de criar os próprios caminhos na aprendizagem. Daí a necessidade dos alunos participarem do processo de planejamento da aprendizagem, caso contrário, esta lhe será praticamente nula.

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BROPHY, Jere. Ensinar (Trad. José Pinto Lopes). In: *Internation Academics Education*. Disponível em <http://www.ibe.unesco.org/sites/default/.../edu-practices_01_por.pdf> acesso 12 agosto 2015.

DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DOYLE, Michael. Liberalism and world politics. American political science review. In: *Cambridge Journals Online*. Disponível em <<http://journals.cambridge.org/>>. Acesso em 10 agosto 2015.

FERNANDO, Hernández. *Transgressão e mudança na educação os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.